

Só não vale ficar triste

“Debaixo do bloco” é uma expressão encantadoramente brasiliense. Tudo pode: correr, pular, escorregar

RACHEL LIBRETON E ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Se quiser brincar, que desça logo para debaixo do bloco. A manhã passa muito rápido para quem é criança numa cidade em que cada quadra tem um parque, árvore de todo tipo e muito verde. Todo tempo é pouco para os pequenos que têm espaço de sobra para brincar. Nada de grades ou portões. Nas quadras residenciais do Plano Piloto, a brincadeira é permitida por todo o vasto espaço que separa os prédios. Dá para se arrastar pelo chão sob os pilotis, escalar árvores, jogar bola na quadra, brincar de catar cigarras na época em que elas insistem em não se calar. E inventar cidades, castelos, comidinhas e histórias com a pá e o baldinho no parquinho de areia.

Marina e a irmã Fernanda de Souza, de 6 e 3 anos, começam a descobrir esse quintal gostoso perto de casa. Quase todos os dias, as duas acordam cedo para brincar debaixo do bloco e no parquinho da 102 Sul. “Fico muito feliz de ver as minhas netas brincando nos mesmos lugares que os meus filhos costumavam brincar”, orgulha-se a avó De Lourdes Rolo de Souza, 64 anos. Ela chegou a Brasília quando os pais de Marina e Fernanda eram crianças. “O parque era bem menor, mas ficava no mesmo lugar”, lembra.

Juliane Moura, 11 anos, Carolina, 7, e o irmão Carlos Eduardo Rodrigues, 9, sentem-se à vontade para andar de bicicleta na quadra. Eles se conheceram na 105 Sul, onde moravam. Mas a amizade continuou mesmo depois de Carolina e Carlos Eduardo mudarem-se para a 102. Inventam brincadeiras até à hora de subir para tomar banho. “Quero morar aqui até ficar grande”, diz Carolina, que vez ou outra desobedece a mãe e sai para passear pela pista da quadra. É uma aventura que ela cumpre com todo o cuidado, por conta dos carros.

Mas nem toda superquadra exhibe tantas crianças.

Sebastião Pedra/Especial para o CB/7.4.05



CARLOS EDUARDO (C), COM A IRMÃ CAROLINA (AZUL) E A AMIGA JULIANE: TURMA SE AVENTURA PELA 102 SUL

Em alguns conjuntos de blocos, as famílias envelheceram e os filhos crescidos mudaram-se. É a queixa da professora Cláudia do Souto Oliveira, 35 anos, grávida de dois meses e mãe de Bernardo, que faz quatro anos no próximo domingo. O menino quase sempre brinca só no parquinho da 103 Sul, que tem um balanço quebrado e o mato crescendo na areia.

“Tem dois anos que mudei do Rio para cá e sempre é assim, com pouca criança brincando. É uma pena, com tanto espaço e tanto verde. Acho que a maior parte dos moradores dos prédios daqui não tem filhos pequenos. São aposentados”, lamenta a mãe. Nesse

dia, Bernardo achou um amigo para brincar — Wendel, de dois anos. Dividiram o balanço e enfiaram as unhas na areia para construir estradinhas.

Brasília esconde todo um encanto em seu desenho urbanístico. Lucio Costa descreve essa visão romântica e prazerosa para as crianças e as famílias. Pensou no verde a emoldurar a seqüência de blocos residenciais, “a oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras”. O arquiteto Cláudio Villar Queiroz conhece bem toda essa qualidade de vida que nasce

da arquitetura e do traçado da cidade que defende e confessa paixão. Mas também nota um esvaziamento de meninada pelo verde das quadras.

Assim que as primeiras quadras surgiram, a garotada sentia-se meio dona da cidade. Explorava mais o quintal. Andava mais longe, de bicicleta ou a pé. As mães apareciam nas janelas para gritar pelos filhos. As árvores ainda cresciam e a visão da janela era ampla, desimpedida. “Era uma época em que nem todas as mães trabalhavam, o ritmo da cidade era mais tranquilo”, observa o arquiteto. “Hoje, o parque perdeu para a concorrência das aulas de inglês e de esporte. As crianças descem, mas andam menos. Ficam dentro dos limites da quadra.”

Os risos e a alegria, que aparecem timidamente de segunda a sexta-feira, esbanjam fartura nos finais de semana. É quando os pais rendem as babás e descem para brincar no parquinho da quadra e se redimir do pouco tempo com os filhos. Vão também para o Eixão do Lazer e para os parquinhos Nicolândia e Ana Lúcia, no Parque da Cidade. É dia de sorvete, água-de-coco, pipoca. Um dia sem pressa, em que o menino do Plano Piloto esbarra nas crianças das outras cidades, que também são levadas para brincar perto do verde, longe da poeira e da rua movimentada.

Nas demais cidades, as crianças têm tempo livre depois que terminam as aulas na escola. Em São Sebastião, numa rua com asfalto castigado pelos buracos e sem o frescor das sombras de árvores, seis crianças brincam. Felizes, pé no chão, umas de barriga de fora, outras com camisetas desbotadas. “A gente brinca muito na rua, de empinar bicicleta, de corrida de carrinho, mas a roda do meu quebrou”, conta Wilter Carvalho Júnior, 7 anos. Mas o que eles gostam mesmo é da marimba. É o nome que dão ao arremesso de uma linha com pedrinha amarrada na ponta. Joga-se de dupla e ganha quem consegue fazer o outro deixar a linha escapar da mão.